

O RIO DE JANEIRO IMPERIAL

Maria Clara Amado Martins

SUMÁRIO:

O livro RIO DE JANEIRO IMPERIAL foi escrito pelo engenheiro e arquiteto Adolfo Morales de los Rios Filho em 1946. Esta 2ª edição, meio século depois, surge através de um convênio entre a Topbooks Editora e a UniverCidade. Trata-se de uma obra histórica que ajuda a conhecer os caminhos da evolução do Rio de Janeiro oitocentista, enquanto Corte, a principal cidade do país. Disserta sobre logradouros, saneamento, urbanização e costumes, entre outros tantos aspectos. O autor surpreende os leitores com uma pesquisa primorosa e com um estilo sensível e poético, que demonstra claramente seu amor pela cidade. Estes ingredientes fazem com que a leitura do livro seja imprescindível para a compreensão histórica e social da cidade e da cultura brasileira.

A Topbooks Editora e a UniverCidade nos trazem, através de um convênio, a reedição do livro do arquiteto Adolfo Morales de los Rios Filho, de 1946, O RIO DE JANEIRO IMPERIAL, o que, certamente, pode nos ajudar a conhecer melhor a cidade do Rio de Janeiro no século XIX, sede política do país, desvendada de forma precisa e amorosa em seus mais diversos aspectos - evolução urbana, população, transportes, saúde, comércio e educação. Mesmo passados mais de cinquenta anos entre as duas edições, este é um livro que, por sua abrangência, interessa não só a arquitetos ou engenheiros, mas também a sociólogos, antropólogos, e, também, aos amantes da história de costumes. É quase uma crônica da cidade.

O leitor, ao percorrer estas páginas, se encantará, também, pelo amor do arquiteto pela cidade, paixão esta que fica clara já na introdução, quando cita o desejo de que o seu livro "*contribua para que o amor à basílica terra seja sempre profundo e para que o orgulho de ser carioca se torne cada vez maior*".

Adolfo Morales de los Rios Filho (1887-1973) chega ao Brasil com 2 anos de idade. Seu pai é o arquiteto responsável pelos desenhos dos prédios do Museu Nacional de Belas-Artes e do Supremo Tribunal Federal. Formado engenheiro-

arquiteto, pela Escola Nacional de Belas Artes em 1914, é autor também do livro *"Grandjean de Montigny e a evolução da arte brasileira"*, arquiteto que muito admira, citado em vários capítulos de seu livro. Atuou no magistério como professor catedrático de História da Arquitetura e de Teoria e Filosofia da Arquitetura da Academia Nacional de Belas-Artes (Universidade do Rio de Janeiro). Esta vocação acadêmica talvez sirva como pista para sua devoção pela pesquisa, assim como a verve crítica que usa para teorizar os dados que recolhe.

A cidade é tratada, já em seu primeiro capítulo, pelo entendimento de sua evolução urbana assinalando, com maestria, sua vocação para expansão. Em 1808 contava 71 ruas e em 1828, 90 ruas. Nesse mesmo ano quantificam-se as praias. Na catalogação das praias, percebe-se um olhar mais atento para a observação da natureza. Surgem curiosidades deliciosas. Alguém se lembra da praia das Saudades, ou praia do Suzano, ou ainda praia de Santa Cecília?

O aspecto ambiental é parte, também, de sua preocupação. Cita várias leis de proteção contra desmatamentos, como, por exemplo, a de 1827, com a proibição do corte das madeiras reservadas por lei - peroba, tapinhoã, pau-brasil. Por isso, a denominação "madeiras de lei" até hoje utilizada.

O problema das inundações era permanente, devido ao aterramento das valas que levavam o fluxo da água para o mar ou lagoas, à medida que a cidade crescia. É memorável a citação do valioso trabalho do engenheiro militar João Manuel da Silva, em 1811, para resolver o problema das inundações: plano de nivelamento, abertura de desaguedouros, aterro de terrenos baixos, correção da direção de canais, abertura de canal no chamado Mangue (com comportas), aproveitamento de terra dos montes para terraplanagem, entre outras coisas. Morales faz a ressalva - *"nada se fez de útil"*, e afirma em 1946 *"que a cidade continuou e continua, ainda hoje, a ser inundada logo que cai qualquer aguaceiro"*.

Uma das grandes atrações do texto de Morales é este diálogo com o tempo. O autor não se furta de estabelecer comparações entre os dois séculos (XIX e XX) e, ao fazê-lo, possibilita que seus leitores tenham uma reação instintiva de transportar, até os dias de hoje, determinadas situações que ainda se repetem.

Do mesmo modo que as inundações eram um problema, a questão do saneamento também o era. Em 1847, os moradores eram obrigados a manter suas testadas limpas até

uma distância de 30 metros, e a coleta de lixo era diária e dupla (manhã e tarde). De qualquer maneira, os estrangeiros que aqui viviam ficavam chocados com o lixo que os brasileiros jogavam nas ruas, como caroços de frutas, objetos sem uso, entre outros detritos. As matérias fecais eram levadas às praias, lagoas e charcos em barris, que recebiam a alcunha de "tigres". Primeiro levados por escravos

e, a partir de 1840, por veículos. Este esgoto era levado para barcos e jogados em alto mar, pela Companhia de Limpeza.

Em 1864 surge o primeiro sistema de esgoto do 1º distrito. Morales, mais uma vez, defende as críticas que a cidade recebia pelo atraso do sistema sanitário, ao afirmar que antes de 1864 só cidades inglesas e Hamburgo tinham serviços de esgoto. Ou seja, não estávamos tão defasados assim, para um “carioca” ufanista.

Ainda que em alguns momentos o autor lamente a falta de soluções para alguns problemas da cidade, o seu discurso é rico em poesia. Ao falar sobre a iluminação, narra com carinho e nostalgia a postura municipal que permitia que nas noites de lua cheia os lampiões não fossem acesos. O Rio de Janeiro ficava “*au clair de la lune*”, afirmaria.

As edificações constituem um capítulo também muito atraente. As “aposentadorias” (casas tomadas pelos nobres vindo de Portugal para residência), impostas pela monarquia, limitaram a construção de casas grandes por muito tempo. Assim a casa não atrairia o interesse da corte. A partir de 1832 oficializa-se um incremento nas construções. Morales se ocupa, tanto das casas do Centro, com testada estreita, como das casas de chácaras, quintas ou solares. Neste contexto, o autor cita o pioneirismo da obra do arquiteto Grandjean de Montigny, que construiu duas mansões com terraços, uma na rua do Catete e a outra na rua Correia Dutra.

Morales de los Rios Filho não se cansa de apontar, em seu texto, que suas caminhadas pela cidade eram ricas em surpresas: fachadas estilísticas, vielas, parques, praias, becos. Descreve o Rio antigo, como se fosse um morador daquela sociedade oitocentista. Por causa deste estilo intimista, o autor deixa espaço para que o leitor também tenha suas surpresas e libere outros desejos

O Rio de Janeiro oitocentista tentava repetir o destino parisiense, mas talvez a especulação imobiliária não tenha permitido. Mas, como se lê no prefácio, “*ficaram as baías, as montanhas, as enseadas*” e, do mesmo modo, a alegria da cidade permaneceu. Mostrar isto, talvez tenha sido o interesse maior de Morales de los Rios Filho.